



Museu do Trajo
São Brás de Alportel
Centro de
Documentação



Casa da Cultura António Bentes
S. Brás de Alportel
Biblioteca
Livro n.º 1470 Cota n.º 5-4
5-5

Casa da Cultura António Bentes
Biblioteca
(Secção de Recortes)

Raul Proença e o Guia de Portugal

Jorge Fonseca

Assunto: Personalidades

Revista Tempo Livre, nº 71, Março de 1997

Raul Proença e o Guia de Portugal



Xavier de Maistre, escritor francês, é autor de uma obra intitulada "Voyage autour de ma chambre". Estava em Turim, o clima era adverso e, em matéria de viagens, só se vislumbrava essa, à volta do seu quarto. Garrett, nas suas "Viagens na minha terra", comenta o caso, dizendo que, se fosse em Portugal, Xavier de Maistre teria, ao menos, ido ao jardim. E Garrett, de mala feita, pôs-se a caminho, rio acima, em direcção ao Vale de Santarém.



Em Portugal houve escritores que foram verdadeiros globe-trotters, percorrendo o país de lés a lés e relatando o que viram, servindo de anfitriões através dos seus textos sobre as terras que atravessaram. E já nem falo de Fernão Mendes Pinto e da "Peregrinação", mas refiro-me ao "Guia de Portugal", dirigido e coordenado por Raul Proença.

Raul Sangreman Proença nasceu em 1884, nas Caldas da Rainha, e a sua infância decorreu em Alcobça, tendo feito exame de instrução primária em Leiria e, mais tarde, conclui o seu curso de Ciências Económicas e Financeiras no então chamado Instituto Industrial e Comercial. Dedicou-se ao ensino (foi professor na Escola Veiga Beirão) e ao jornalismo. Nesta faceta, revela-se através de polémicas e discussões políticas e religiosas em artigos de vários jornais regionais, como "Círculo das Caldas" (primeiro artigo com 15 anos incompletos) e "O Republicano" (de Alcobça).

Republicano convicto, é nomeado bibliotecário da Biblioteca Nacional, após a implantação da República, em 30 de Janeiro de 1911.

E será na Biblioteca que se formará um grupo muito importante na história da cultura portuguesa que ficou designado por "o grupo da Biblioteca" e do qual faziam parte, além de Raul Proença, Jaime Cortesão, Afonso Lopes Vieira, Aquilino Ribeiro, Raul Brandão, António Sérgio, etc.

O "Guia de Portugal" não seria totalmente publicado em vida do seu coordenador. Quando Raul Proença faleceu só estavam publicados os dois primeiros volumes. A obra foi retomada e completada por uma equipa de alguns dos escritores que referi atrás.

António Barreto, em artigo publicado no Diário de Notícias de 23/11/92 intitulado "Ler e viajar em Portugal", dirá: "Proença (...) fez um guia, pormenorizado, prático, descritivo, paternalista. Mas não se ficou pelo serviço de agência de viagens: por todo o livro, e sobretudo nas introduções, deu opinião, queixou-se, propôs medidas e reformas, denunciou."

O grupo da Biblioteca que desde Outubro de 1921 funda



a revista "Seara Nova" (revista de "doutrina e crítica") em que no primeiro número é dito: "Serão (os homens da Seara Nova) poetas militantes, críticos militantes, economistas e pedagogos militantes", é disperso com a revolução do 28 de Maio de 1926. O próprio Raul Proença, em 1927, depois da publicação de dois panfletos contra a Ditadura, faz o caminho do exílio (primeiro Espanha, depois França). Aquando do exílio em França faz um "Guide Bleu" de Portugal (edição da casa Hachette). Na sua feição de pensador, criticará o Integralismo Lusitano e o livro de Julien Brenda "La Trahison des Clercs" e meditará na teoria do Eterno Retorno, de Nietzsche.

Adoece em Novembro de 1932 e regressa a Portugal para morrer no Porto, em 1941.

Através do seu "Guia de Portugal" podemos verificar um inventário do património paisagístico e artístico (na linha de Garrett ou Ramalho Ortigão).

Após a morte de Proença, os seus amigos continuaram a obra, coordenados por Sant'Anna Dionísio. Assim, podemos ler Raul Brandão que escreve sobre os Capuchos ou o panorama de S. Pedro de Alcântara; Afonso Lopes Vieira, "uma impressão geral de Sintra" ou "o Pinhal de Leiria e S. Pedro de Moel"; Teixeira de Pascoaes sobre a Estrada de Caparica e sobre a Torre de Caparica; Jaime Cortesão sobre o



Verdadeiro precursor dos guias de viagem, em Portugal, Proença transportou para o «Guia de Portugal» uma linguagem erudita, comum aos seus companheiros literários da época, vistos aqui pelo traço de M. Cabanas



Museu Nacional de Arte Contemporânea ou sobre o parque de Monserrate, em Sintra (e também o panorama de Lisboa vista do Castelo de S. Jorge); ou António Sérgio, com uma "Introdução Histórica" (único artigo seu para o n.º I).

O 1.º volume é sobre Lisboa e Arredores, o 2.º sobre a Estremadura, Alentejo e Algarve, o 3.º sobre a Beira Litoral, Beira Baixa e Beira Alta, o 4.º (em 2 tomos) Entre Douro e Minho (I. Douro; II. Minho), o 5.º (em 2 tomos) Trás-os-Montes e Alto Douro (I. Vila Real, Chaves e Barroso; II. Lamego, Bragança e Miranda).

Um poeta, amigo de Raul Proença, disse-lhe um dia que o "Guia de Portugal" talvez fosse, depois de "Os Lusíadas", a obra mais portuguesa que até hoje foi empreendida. Na esteira de um Garrett, de um Herculano, de um Ramalho Ortigão e de tantos outros, Proença sentiu ser preciso redescobrir a Terra Portuguesa, tendo em consideração o que estava em vias de se perder.

A Fundação Calouste Gulbenkian

reeditou esta obra que, no dizer de José Augusto Seabra, se bem que "esteja desactualizada quanto a pousadas, pensões ou hotéis de turismo, está actualizadíssima no que diz respeito à repreensão do espírito profundo de cada terra, de cada aldeia, de cada sítio, de cada cidade, de cada monumento". ■

«Dei voz às pessoas» Pitacas Antunes

Em 1974, transformou-se num raro fenómeno de popularidade através de um programa de televisão dedicado à defesa do consumidor. “Então como é?” bateu, durante dois anos, os recordes das audiências televisivas com a discussão de temas sobre consumo e especulação. Duas décadas depois, vale a pena recordar e conversar com o seu autor, Carlos António Pitacas Antunes, natural do Crato, vila do distrito de Portalegre, hoje com quase 60 anos e activo na área da formação profissional.

